

1999

2000

**DF**  
**LETRAS**  
A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO V Nº 59/62  
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

IMPRESSO

CONTRATO Nº 281-0/97  
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF  
UP. AC/CÂMARA LEGISLATIVA

**BRASIL**  
500

Reportagens  
Poemas  
Entrevistas  
Idéias  
Leis

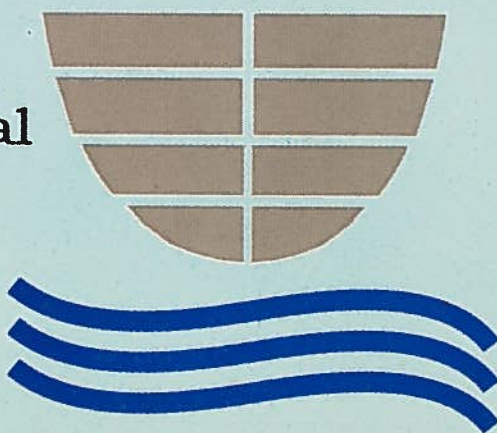
Centro-  
Oeste

250

Brasília 40

**Câmara**  
**Legislativa**  
do Distrito Federal

10



**Especial**  
Carta de Caminha narra  
o descobrimento  
do Brasil



# Cultura

*O embaixador Lauro Barbosa da Silva Moreira esteve na Câmara Legislativa do DF, no último mês de março, para apresentar o projeto das comemorações do V Centenário do Descobrimento do Brasil. Na ocasião, ele deu entrevista à DF Letras e detalhou os aspectos culturais e literários do evento.*

“*Quando falo das comemorações nos planos histórico, reflexivo e prospectivo, não estou excluindo a festa. Evidentemente vai haver festa. Só que para fazer festa no Brasil, não precisamos nos sacrificar muito. É fácil.*”



# & Poesia nos

# 500 anos

Festa da  
Língua Portuguesa

*Quem foi que descobriu o Brasil?*

*Minha terra tem palmeiras*

*E agora José? E agora José?*

*Foi "Seu" Cabral*

*Foi "Seu" Cabral*

*Vou-me embora pra Pasárgada*

*Porque hoje é sábado*

*Ai que preguiça*

*O meu nome é Severino*

*- Nonada. Tiros que o senhor ouviu...*

*Milho virado, maduro, onde o feijão enrama*

*Era tão linda! E estou triste*

*À parte isso, tenho em mim todos os sonhos  
do mundo*

*No dia 22 de abril*

*Dois meses depois do carnaval*

**POR LUIS TURIBA  
E  
ANA LÚCIA MOURA**

O

Brasil vai celebrar seus 500 anos sob o signo da poesia. Comemorações, encontros, reencontros cármicos, carnais e históricos. Reflexões e ações.

E por que não, festa? Portugal, África. Tupi or not tupi! A fome ainda mora aqui. O carnaval do ano 2000 será cabralino. Olha o povo brasileiro aí, gente! Morte e vida severina.

O embaixador Lauro Moreira, presidente da Comissão Nacional do V Centenário do Descobrimento do Brasil, portanto, o comandante das comemorações dos 500 anos, é um amante da poesia.

E este não é um fato isolado (apenas) dentro do contexto das comemorações dos 500 anos. A poesia (queira Deus!) marcará os acontecimentos culturais e sociais que

acontecimentos culturais e sociais que se multiplicarão ao longo deste ano e do próximo.

Ao longo de toda a sua vida, o embaixador Lauro Moreira conviveu com poemas e poetas. Aprendeu ainda menino a música das palavras. Seu padrinho de casamento com a poeta Marly de Oliveira (hoje casada com o poeta João Cabral de

Melo) foi o eterno Manuel Bandeira. Goiano de nascimento, Lauro Moreira passou a adolescência no Rio de Janeiro, a então glamourosa capital do país. Frequentou os ambientes literários e as melhores escolas de teatro. Conviveu com Guimarães Rosa, Vinícius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade. Acompanhou o nascimento da bossa-nova, foi aluno da escola de teatro do mestre Paschoal Carlos Magno. Desta época, guarda uma lembrança: o encanto dos olhos, da palavra, da elegância e da poesia de Cecília Meireles, de quem ganhou, certa feita, uma caravela de madrepérola. "Cecília era realmente uma dama. No escrever e no viver", resume.

Foi toda essa experiência de vida que levou Lauro Moreira a aproveitar o seu dom de oratória, seu trato com a música das palavras, a gravar um álbum de poemas, "Mãos Dadas", com dois CDs. "Sempre estive no meio da poesia e até me atrevo a escrever, mas não sou poeta", disfarça.

Se não é, tem pelo menos o dom da oratória. Seus CDs reúnem 85 poemas de dezoito poetas brasileiros - entre



**Moreira gravou um CD onde recita 85 poemas da língua portuguesa**

eles, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Cora Coralina, Marly de Oliveira, João Cabral e Vinícius -; três portugueses - Luís de Camões, Fernando Pessoa e Mário de Sá Carneiro -; e sete africanos de expressão lusófona - vale citar Jorge Barbosa, de Cabo Verde; Agnello Regalla, de Guiné Bissau; e Arlindo Barbeitos, de Angola.

No total, são 28 poetas e duas horas e meia de poesias,

algumas com uma introdução musical para "criar" um clima. O álbum incluiu também um encarte com pequenas biografias de cada um dos poetas declamados.

Nesta entrevista o embaixador Lauro Moreira revela a filosofia do programa comemorativo dos 500 anos: aproveitar a data para tirar o Brasil da adolescência existencial, jogando-o em compromissos sociais mais justos e duradouros.

No entanto, no Brasil, não há comemoração sem celebração, e Lauro Moreira pretende aproveitar nossa maior festa popular, o carnaval, para contar ao mundo, através dos enredos das escolas de samba do Rio de Janeiro e de São Paulo, a história do Brasil.

"Faremos do carnaval do ano 2000 o carnaval dos 500 anos. As escolas vão contar quatorze diferentes fases da nossa história. E no desfile das campeãs, realizado no Sambódromo no sábado, uma escola de samba formada por pessoas de todo o mundo - o Grêmio Recreativo Escola de Samba do Mundo - que está sendo montada pela Internet, vai desfilar homenageando o Brasil."

*Olha os 500 anos aí, gente!*

“

*São mais de setenta projetos. Um deles é o projeto Barão do Rio Branco, que já é popularmente conhecido como Resgate. Consiste na microfilmagem e posterior distribuição no Brasil de todos os documentos do período colonial que se encontram hoje nos arquivos ultramarinos de Portugal.*

”



**DF Letras - As comemorações dos 500 anos do Brasil terão um forte caráter cultural e, dentro disso, uma grande participação da literatura. Esta é uma festa da língua portuguesa?**

**Lauro Moreira** - Se quiséssemos falar como Fernando Pessoa, "minha pátria é a língua portuguesa", já estaríamos certamente respondendo a isso. É claro que é uma festa da língua portuguesa. Uma celebração em que, desde o início, estamos voltados para três planos distintos.

O primeiro deles é o que eu chamaria de plano histórico. É a comemoração dos 500 anos do encontro das culturas, da chegada dos portugueses, do descobrimento do Brasil. Falo em descobrimento no sentido de ser até então um território encoberto para o mundo da época e que foi descoberto.

Nesse plano, temos tudo a ver com Portugal. Por isso formamos uma Comissão Executiva - uma Comissão Bilateral -, que está tratando dos projetos de interesse comum dos dois países. São mais de setenta, alguns já realizados, outros em andamento e os demais, que serão concluídos até o ano 2000.

Destes, eu lembraria o projeto Barão do Rio Branco, que já é popularmente conhecido como Resgate. Trata-se da microfilmagem e posterior distribuição no Brasil de todos os documentos do período colonial que se encontram hoje nos Arquivos Ultramarinos de Portugal.

Esse projeto já está concluído e vem sendo levado adiante com grande êxito. As pesquisas estão sendo realizadas por regiões brasileiras, ou melhor, por províncias. A Província de Minas Gerais, por exemplo, que é uma das mais ricas em documentação, já teve todo seu material transferido para os arquivos mineiros, o que terminou em outubro de 1997.



Ora, é desnecessário lembrar a dimensão do projeto, seu alcance e sua importância para as futuras pesquisas das fontes históricas de nosso país.

**Quer dizer que já havia uma equipe trabalhando nisso? Algo feito com antecipação?**

Nós temos uma equipe do Arquivo Nacional que está trabalhando nisso. Temos também historiadores que estão indo fazer pesquisas em Lisboa. Neste momento, temos dezenove pesquisadores trabalhando nos arquivos portugueses. Como se pode imaginar, será uma contribuição muito importante para a historiografia deste país. Uma vez concluída esta parte dos Arquivos Ultramarinos de Portugal, passaremos para os de

*Dezenove pesquisadores brasileiros trabalham nos arquivos portugueses levantando detalhes de fatos históricos, como a primeira missa em terras brasileiras*

“

*Ao mesmo tempo que o Brasil é um país tão miscigenado, com uma crescente integração racial, é também iníquo em sua desigualdade social, por exemplo. Quando me dizem que no Brasil não existe uma democracia racial, eu digo: é evidente, pois não existe sequer uma democracia social.*

”

outros países como Holanda, Espanha – pelo menos estes dois – e, talvez, França.

Outro projeto que eu gostaria de mencionar, dentro da Comissão Executiva Brasil-Portugal, é provavelmente o mais ambicioso de todos eles. É o chamado Congresso Brasil-Portugal Ano 2000, que se compõe de oito grandes seminários, realizados de junho deste ano a dezembro do ano 2000, abrangendo oito áreas diferentes do conhecimento. São áreas que variam de economia a geografia, de história a literatura e de direito a meio ambiente. Cada uma delas é coordenada por uma autoridade do setor.

Do lado brasileiro, o projeto está sendo comandado pelo ministro Marcos Vilaça. Do lado português, por outra grande personalidade, que é o professor Ernani Lopes, ex-ministro da Fazenda e um acadêmico respeitadíssimo em Portugal.



**Esses projetos estão voltados somente para o passado ou existem ações que vão repercutir no futuro do País?**

Esse projeto, com seu alcance enorme, está voltado sobretudo para o futuro. Não é passadista. Não é passar a limpo o nosso relacionamento pretérito com Portugal, mas mostrar o que os dois países pretendem para o futuro. Portanto, é consultar os interesses comuns.

Serão quatro seminários realizados em Portugal e quatro no Brasil, em oito cidades diferentes dos dois

países. No Brasil, o primeiro será em Brasília, em setembro deste ano, e vai ser sobre Economia. Em Portugal, teremos eventos cujos temas pertencem ao Direito e à Geografia. Depois, teremos um de Antropologia, no Rio de Janeiro. As outras duas capitais onde os seminários vão acontecer são Recife e Salvador.

É um projeto de grande alcance e repercussão. E as colaborações das autoridades de todas essas áreas serão

recolhidas em livros a serem editados pela Comissão Nacional do V Centenário e pela Comissão Executiva Brasil-Portugal. Todo este material vai ficar como contribuição efetiva e terá grande divulgação. Este seria, portanto, o primeiro plano. O plano histórico.

**Já que o senhor falou em projetos voltados para o futuro, uma das queixas que mais se ouvem, tanto do lado português quanto do brasileiro, é de que existem dois**

**mercados editoriais que não se encontram. Isso será assunto do seminário?**

É um dos temas da agenda. Será tratado em todos os módulos, mas principalmente na área específica de literatura, inclusive com a reunião de livreiros portugueses e brasileiros. Espero que seja uma contribuição realmente efetiva para a solução, pelo menos em parte, deste problema, que é sério.

**Nas festas dos 500 anos fala-se muito em reflexão. Como é isso?**



# Câmara Legislativa nos 500 anos do Brasil



**A**lguns dias após ter assumido o mandato, o vice-presidente da Câmara Legislativa, deputado distrital Gim Argello, visitou o embaixador Lauro Moreira, convidando-o a fazer uma apresentação do programa da Comissão Nacional do V Centenário do Descobrimento do Brasil no plenário da Câmara. Na ocasião, o embaixador Lauro Moreira apresentou ao deputado detalhes das comemorações e lembrou a Gim que o arquiteto Oscar Niemeyer poderia desenhar um monumento dos 500 anos para Brasília. O vice-presidente levou a proposta ao arquiteto.

É o segundo aspecto das comemorações. O que nós, brasileiros, fizemos deste país nestes 500 anos? Esta é a pergunta-chave. E, dentro disso, obviamente temos muito o que refletir.

Certamente, vamos nos dar conta de que este é um país formidável, mas que poderá ser muitíssimo melhor. Agora, para que ele seja melhor, depende exclusivamente de nós. E aí é que entra aquela frase do V Centenário: O Brasil somos nós – 500 anos de história.

As palavras são simples. Mas têm muito a dizer. Se o Brasil somos nós, não há um Brasil fora de nós. Isso significa que ele será o que nós

queremos que seja. Significa introjetar finalmente, em cada um de nós, um conceito fundamental, que é característico de uma idade mais amadurecida, mais adulta, não da adolescência. É o conceito de que nós somos responsáveis pela nossa própria história, pela nossa própria biografia, pelo nosso próprio destino. E quando digo nós, é cada um de nós, cada brasileiro. Não é o governo brasileiro.

A atitude típica do adolescente é a de sempre atribuir responsabilidades ao pai, à mãe ou a terceiros. A atitude típica do povo brasileiro ainda é esta: responsabilizar os outros. Nunca é conosco o problema. É do governo.

## Bibliografia

*Obras fundamentais da bibliografia brasileira vão estar nas bancas de jornais e revistas a partir do ano que vem. Escritores e historiadores estão selecionando cerca de 70 livros, que serão lançados semanalmente. O projeto, que tem a supervisão do ex-secretário de Cultura de São Paulo, José Mindlin, é conhecido como Biblioteca dos 500 Anos. Algumas obras, como Memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, Macunaíma, de Mário de Andrade, e Dicionário da terra e da gente do Brasil, do historiador Bernardino José de Souza, já foram selecionadas.*



*Não existe hoje no mundo – e juro que isso não é patriotada – música melhor que a brasileira. A única que é e sempre foi páreo para a nossa é a norte-americana. Mas eu diria que hoje a música brasileira é superior em termos de criatividade, riqueza melódica e variedade.*



Como se nós não fôssemos responsáveis pelo governo também. Como se tudo isso não fosse uma coisa só. E o governo, por sua vez, procura também se eximir destas responsabilidades.

Este é o momento de refletirmos um pouco sobre isto – será um dos temas de debate – para fazer com que possamos realmente começar a amadurecer como povo, como país, como nação.

É evidente que o Brasil tem características extraordinariamente importantes. Eu diria quase que particulares, especiais e que o tornam um país diferente dos outros. Isso não é patriotada. Por exemplo, apesar de todas as divergências, desequilíbrios, conflitos e problemas presentes na formação do povo brasileiro, existe uma característica que supera tudo isso. Chama-se tolerância, capacidade de conviver, de aceitar o outro. Capacidade de aceitar o diferente ao invés de rechaçá-lo. Foi assim que nós fizemos a nossa história. E é assim que nós estamos nos construindo como nação, como povo.

O tipo de raça – a palavra é péssima – que está em gestação nestes trópicos é exatamente o fruto desta mistura extraordinária, que está presente desde o momento fundacional deste país. Desde o momento em que Caramuru naufraga em 1508 na costa da Bahia e se casa com a filha de uma índia, Paraguaçu. Ele leva Paraguaçu para a Europa, batiza-a e deixam uma prole enorme, uma grande descendência. É o mesmo caso de João Ramalho e da índia Bartira.

Quer dizer, são mitos fundacionais do Brasil, o tronco original de tudo isso. Neste sentido, nós somos diferentes. Depois, vem a terceira vertente, o elemento negro. Estas três raças básicas realmente começam a se misturar para formar o país. O que não existe ainda é uma simetria, um equilíbrio social. Isso é óbvio que não existe até hoje.

**O senhor classificaria a**

## Guia das comemorações

A idéia é servir como guia das comemorações dos 500 anos do Brasil. Mas não só isto. A revista *Rumos – caminhos do Brasil em debate* –, lançada em março, no Teatro Nacional de Brasília, contém um vasto e rico material de reflexão.

Criada pela Comissão Nacional para as Comemorações do V Centenário do Descobrimento do Brasil, *Rumos* pretende divulgar, a cada dois meses, os projetos relacionados à festa dos 500 anos e discutir os caminhos e perspectivas de nosso país no novo milênio.

A primeira edição traz como tema “Conflitos da identidade nacional”. São mais de trinta textos e ensaios fotográficos em quase cem páginas. A segunda edição, lançada em março, examina o federalismo brasileiro pelos caminhos da história, política, economia e cultura e lança a questão: Quem és tu, Federação? Um ótimo material de leitura e pesquisa, principalmente para os especialistas do meio acadêmico.

Os textos, escritos por antropólogos, escritores, poetas e filósofos, possuem informações tão curiosas e importantes que instigam o leitor a ir até a última linha. É o que acontece, por exemplo, no texto da filósofa Olgária Matos, na revista de número um, onde ela relata as experiências do antropólogo Lévi-Strauss em suas viagens pelas matas brasileiras, no século passado.

A edição traz ainda teses do historiador Carlos Guilherme Mota para o redescobrimento do Brasil; um texto do escritor Eduardo Portella sobre Gilberto Freire; do antropólogo Massimo Canevacci sobre o sincretismo cultural das metrópoles; de Ismail Xavier sobre

**miscigenação como a principal qualidade do nosso país? A tal democracia racial de que fala Gilberto Freire?**

É o maior tesouro de que o Brasil dispõe e que o torna diferente de todos. Veja bem, em certos países do Mundo Novo o elemento europeu era





o renascimento do cinema brasileiro; da filósofa e escritora Rosa Maria Dias sobre o músico e compositor Cartola; uma análise do filósofo Renato Janine Ribeiro sobre a política brasileira vista a partir das telenovelas; fotografias de Cristiano Mascaro; uma entrevista com João Luís Fragoso; contos de Ferreira Gullar; e poesias de Marly de Oliveira.

A segunda edição traz artigos de Francisco de Oliveira, Fernando Luiz Abrucio, Isabel Lustosa, Rui de Britto, Álvaro Affonso, Celso Furtado, Luiz Roncari, Milton Hatoum, Rubens Ricúpero, Roberto DaMatta e Daniel Piza. São historiadores, economistas, filósofos e escritores questionando as relações entre os estados brasileiros e a União. O número dois traz também um ensaio do caricaturista Cássio Loredano e uma entrevista com o filósofo José Arthur Giannotti.

## Serviço

A revista *Rumos* pode ser adquirida nas bancas de jornais e livrarias ao custo de R\$ 10,00. Mais informações pelo telefone (061) 411-6222/ 224-2667, ou pela Internet, no site da Comissão Nacional para as Comemorações do V Centenário: <http://www.mre.gov.br/cnvc/entrada.html>

avassalador e praticamente anulou o elemento nativo. Em outros países – eu não vou citar nomes – o elemento nativo era muito forte e não houve possibilidade de uma mistura maior com o elemento europeu. Em terceiros países, houve uma grande imigração. Mas em nenhum deles se processou, com a plasticidade com

que se processa no Brasil, essa miscigenação, essa mistura.

Ora, este é um tema que deve fazer parte da nossa reflexão sobre estes 500 anos, porque se de um lado nos dá uma grande satisfação, de outro tem que nos levar a assumir mais nossa responsabilidade diante de nós mesmos e do mundo. Entretanto, ao mesmo tempo que o Brasil é tão miscigenado, com uma crescente integração racial, é também iníquo em sua desigualdade social, por exemplo.

O que o presidente Fernando Henrique Cardoso diz é perfeito. O Brasil não é um país subdesenvolvido: é um país injusto. Quando me dizem que no Brasil não existe uma democracia racial, eu digo: é evidente, pois não existe sequer uma democracia social. Não é o negro que é necessariamente discriminado. A elite discrimina o pobre e o impede, muitas vezes, de ascender. É isso que nós temos de combater. Esta é uma reflexão dos 500 anos.

## Com esta crise econômica da globalização, como é que o mundo está vendo o Brasil? O Senhor acha que o nosso país já se firmou como nação?

Eu acho que o Brasil é percebido como um país diferente. Isto eu posso falar a partir de uma experiência pessoal, por ter vivido muitos anos no exterior, mas sempre morando temporariamente no Brasil, entre uma mudança e outra.

Por todos os países por onde passei e vivi, como Estados Unidos, Suíça, Argentina e Espanha, percebemos claramente que a palavra Brasil sempre desperta no povo em geral uma empatia natural e apriorística. Mesmo que não conheçam, ele evoca sentimentos positivos. Nem todos os lugares do mundo despertam este mesmo sentimento.

Com o Brasil é diferente. Mesmo que todos saibam – porque a

## História

*Conhecer a história e a cultura brasileira vai*

*ficar mais fácil. Os 413*

*volumes da Coleção*

*Brasiliana, da*

*Companhia Editora*

*Nacional, serão reunidos*

*em uma caixa com três*

*CD ROM, acompanhada*

*de um livreto explicativo*

*e índice das obras. A*

*Brasiliana é a mais*

*conhecida série editorial*

*sobre temas da cultura e*

*da história brasileira,*

*mas, devido à sua*

*extensão, nem todos os*

*volumes são encontrados*

*pelos leitores. Agora,*

*todas as obras estarão*

*disponíveis nas*

*bibliotecas públicas de*

*todo o país, que*

*receberão as cinco mil*

*cópias dos CDs.*





***A antropofagia era uma prática entre os índios tupi-guaranis e faz parte da cultura brasileira***

páreo para a nossa é a norte-americana. Mas eu diria que hoje a música brasileira é superior em termos de criatividade, riqueza melódica e variedade. Basta ver que os músicos brasileiros são idolatrados pelos músicos norte-americanos e de outras nacionalidades.

No ano passado, tive o enorme prazer de participar de um evento que me deu grande alegria e orgulho. Foi o Salão do Livro de Paris, onde o Brasil foi o país homenageado.

Durante o período de dez dias, fomos realmente alvo de toda a atenção dos franceses. Não pelo futebol ou o carnaval. Nem mesmo pela música ou por nossas mulatas, mas pela nossa literatura. Estavam presentes em Paris cerca de quarenta escritores brasileiros, metade convidada pelo governo francês e outra metade pela Biblioteca Nacional.

Tivemos uma cobertura extraordinária na mídia francesa. Mas, quando digo extraordinária, estou me referindo a quatorze páginas do "L'Express", quinze do "L'Observateur", um caderno inteiro do "Le Monde". Tudo isso sobre a literatura brasileira.

Nós fomos lá para tratar, e tratamos, de literatura brasileira o tempo inteiro. Ocupamos cinco salas do Grande Salão do Livro permanentemente ocupados com

imprensa mostra isso o tempo todo – que este é um país onde há muitas injustiças, desequilíbrios, insegurança nas ruas das grandes cidades e bolsões de subdesenvolvimento terríveis em certas áreas.

Na verdade, não é apenas um Brasil. São quinze ou vinte. Quer dizer, você tem um Brasil praticamente na idade da pedra na Floresta Amazônica, um outro no final do século XX em São Paulo e pelo menos mais de uma dezena entre um e outro. São brasis em diferentes estágios de desenvolvimento. Mas tudo isto, inegavelmente, é unido por alguns denominadores comuns, que são uma língua única, um território completamente assentado e, por último, este espírito brasileiro.

**Este espírito brasileiro – que o Darcy Ribeiro chamou de “Nova Roma” – quer dizer que o Brasil está deixando de ser somente o País do futebol para se transformar em uma cultura forte? Vale citar os acontecimentos recentes, como a indicação ao Oscar pelo segundo ano consecutivo e a música recebendo, também pela segunda vez, um prêmio importantíssimo como o Grammy.**

Vamos ser mais concretos. Talvez não exista hoje no mundo – e juro mais uma vez que isso não é patriotada – música melhor que a brasileira. A única que é e sempre foi

“

*Tive o prazer de participar do Salão do Livro de Paris, onde o Brasil foi o país homenageado. Durante o período de dez dias, fomos alvo de toda a atenção dos franceses. Tivemos uma cobertura extraordinária na mídia: 14 páginas do “L’Express”, 15 do “L’Observateur” e um caderno inteiro do “Le Monde”.*

”



palestras, leitura de poesias e tudo mais. Falamos exclusivamente de cultura e literatura brasileira em um país como a França, que cultua, de fato, o livro.

**Acabamos de ter mais uma vitória neste segmento, que é bem representativo da nossa diversidade cultural. Refiro-me ao Prêmio Octávio Paz concedido ao poeta Haroldo de Campos.**

É verdade. Mandei um telegrama para ele.

**O senhor falou sobre três planos nas comemorações dos 500 anos. Nós passamos pelo histórico e o reflexivo. E o terceiro?**

Estes dois planos, onde tudo isso cabe, têm que nos levar necessariamente ao terceiro plano, que é o da prospecção, pois de nada vale ficarmos apenas refletindo sobre o passado. Temos de tirar nossas conclusões. Temos de avançar. Portanto, o plano da prospecção é fundamental porque para ele convergem os outros dois. É aí que eu digo: não adiantará nada fazer toda esta reflexão se não formos conseqüentes. Se não tomarmos atitudes, medidas e iniciativas que possam realmente transformar.

Por exemplo, nós, a Comissão

Nacional do V Centenário, temos procurado incentivar cada vez mais a criação de comissões municipais e estaduais para comemorar os 500 anos. E, sobretudo nos municípios, nossa mensagem tem sido sempre a da necessidade de fixar metas sociais. Esta é a melhor maneira de comemorar os 500 anos em cada lugar do Brasil.

Um município no interior do Piauí, por exemplo, poderia se fixar uma meta para no ano 2000, 2002 ou 2004 – o dia e o ano não têm importância, o que interessa é a oportunidade – reduzir a níveis ínfimos o número de crianças sem escola ou o índice de mortalidade infantil. Agora, para isso, é necessária a participação de todos os segmentos da sociedade de cada uma dessas cidades, e não apenas do governo.

Infelizmente, no Brasil, não temos – talvez por nossa adolescência ou nosso individualismo de adolescente – o hábito de trabalhar de maneira convergente. Voluntariado é uma palavra ainda estranha no nosso País. Já nos Estados Unidos – a meca do capitalismo e do individualismo – é uma palavra que sustenta a sociedade. É a participação do cidadão. Então, em última instância, estamos falando de cidadania. É o cidadão participando da vida de sua comunidade, cidade, bairro, escola, igreja, clube etc.

Nesse sentido, na medida em que



**“ Não adianta somente refletir. É preciso tomar atitudes, medidas e iniciativas que possam realmente transformar o Brasil ”**

## Viva o povo brasileiro

*Em 35 milímetros e duas horas de duração, um filme de longa-metragem. Em super 16 milímetros e 15 capítulos de duração de 50 minutos cada um, uma minissérie para a televisão. É em dose dupla que o romance Viva o povo brasileiro, do escritor e acadêmico baiano João Ubaldo, se transformará em cinema para atingir o grande público. O projeto, com roteiro e direção de André Luiz Oliveira, será produzido por Ronaldo Duque e Márcio Curi, e tem lançamento previsto para 22 de abril de 2000. Viva o povo brasileiro, lançado em 1984, tem 700 páginas e já foi publicado em oito países, firmando-se como um clássico da moderna literatura brasileira.*



# M O N U M E N T O

No coração de Brasília, Capital da República, será erguido um monumento em homenagem aos 500 anos do descobrimento do Brasil. A proposta, de autoria do deputado Wilson Lima (PSD), um apaixonado pela história do Brasil, foi aprovada por unanimidade na Câmara Legislativa.

Mas o parlamentar não se contentou somente com o projeto: já definiu também uma área para a construção do monumento, que será entre a Rodoviária de Brasília e a Esplanada dos Ministérios, no Eixo Monumental. A inauguração também já tem data certa: abril do ano 2000, mês em que o Brasil completará oficialmente 500 anos de descobrimento.

Os recursos para a obra também já foram garantidos pelo deputado. Eles virão de uma parceria da Associação Brasileira de Supermercados (Abras) com o governo do Distrito Federal.

Outro projeto do deputado Wilson Lima solicita a criação de uma Comissão Especial, formada por deputados distritais, para acompanhar as atividades da Comissão Nacional encarregada oficialmente das comemorações do V Centenário do Descobrimento do Brasil.

a gente vai entendendo que é possível transformar o país e, nos dispomos a fazer isso, já estamos então começando a transformá-lo. A atitude passiva que temos tido até hoje é que realmente não nos leva a nada.

A comemoração, no sentido prospectivo tem a ver, portanto, com a transformação. É o entendimento de que somos realmente responsáveis por este país e que ele depende de nós. Se quisermos, vamos transformá-lo. Este é o terceiro plano.

**Quer dizer, de um plano cultural espera-se que a festa leve à atitude concreta, no sentido de uma melhor distribuição de renda, menor violência, baixos níveis de corrupção etc.?**

Sim. Este é um dos planos.

**O senhor falou sobre voluntariado, mas a televisão está cheia de exemplos de solidariedade. Ou não?**

Sim. Está cheia. Ela existe. O que não existe é um movimento mais organizado e permanente. É tão excepcional que é mostrada no noticiário da televisão. Solidariedade no Brasil é notícia e se apresenta quase

somente nos momentos de tragédia. É nesse sentido que acho que precisamos aprimorar muito nosso comportamento com relação ao outro.

Agora, quando falo das comemorações do V Centenário nos planos histórico, reflexivo e prospectivo, não estou excluindo, naturalmente, a festa. Evidentemente vai haver festa. Só que para fazer festa no Brasil, não precisamos nos sacrificar muito. É fácil.

Eu faço sempre uma distinção entre aquilo que seria a celebração e o que chamo de comemoração. A celebração tem a ver com a festa. Então vamos celebrar nossos 500 anos. Vamos celebrar a fundação deste país, os 500 anos do encontro dos nossos índios com nossos antepassados europeus. Vamos festejar, celebrar tudo isso.

Por outro lado, uso a palavra comemoração em seu sentido etimológico, que é memorar ou refletir conjuntamente. Então esta eu reservo para o campo da reflexão. Mas é claro que o plano da reflexão não tem de ser chato. Não tem de ser apenas um plano do livro, do intelectual. Não é isso. É a tomada de consciência de nosso papel de brasileiros e de cidadãos deste país. Em última instância, nós estamos lidando com a questão da identidade nacional. ■



*Infelizmente, no Brasil não temos – talvez por nossa adolescência – o hábito de trabalhar de maneira convergente. Voluntariado é uma palavra ainda estranha no nosso país. Já nos Estados Unidos – a meca do capitalismo e do individualismo – é uma palavra que sustenta a sociedade. É a participação do cidadão.*

